

A Universidade que foi modelo

Departamento de Pesquisa

Desde a sua criação, em 1962, a Universidade Nacional de Brasília manteve uma constante: a vida perturbada, provocada por crises sucessivas, cortes de verba, demissões em massa e quatro invasões do campus universitário pela Polícia.

A situação vem piorando ano a ano e as estatísticas mostram que a Universidade perde cada vez mais seu impulso inicial: se em 1967 cumpria 3,9% do que fora programado, em 1968 seu deficit será maior. Este ano, os vestibulares ofereceram 700 vagas, o que dá à instituição um total de 2 800 alunos, ou 31,1% da programação prevista, que era de 9 000 matrículas.

A Universidade Modelo

Com a nova capital, tentou-se criar uma universidade totalmente desvinculada da figura tradicional da universidade brasileira. Surgiu então o plano Darci Ribeiro, patrocinado pelo Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, que idealizava para a UnB uma estrutura inspirada nas universidades europeias e americanas. Pretendia atender às demandas reais do país e propunha a integração de dois tipos de unidades: institutos centrais e faculdades.

Aos primeiros, destinados ao cultivo da Ciência Pura, Artes e Letras, cabia a elaboração da pesquisa fundamental nesses setores e a responsabilidade dos cursos introdutórios de dois anos, bacharelato em Ciência Pura, Letras e Artes não aplicadas e doutoramento. Os primeiros institutos centrais a serem criados foram: Matemática, Física, Química, Biologia, Geociências, Ciências Humanas, Letras e Artes.

O corpo docente era integrado por professores titulares, professores associados, professores-assistentes, assistentes e

estagiários-instrutores, substituindo a estrutura tradicional da cátedra. A essa organização correspondia uma extraordinária flexibilidade nos currículos escolares. Criou-se o sistema de créditos semestrais auxiliados por uma réplica brasileira do sistema inglês do tutorado, na figura do professor orientador.

A UnB foi criada pela Lei n.º 3.998, de 15 de dezembro de 1961, e a 21 de abril do ano seguinte, no segundo aniversário de Brasília, iniciava os cursos-tronco de Direito-Economia-Administração, Letras Brasileiras e Arquitetura-Urbanismo, que constituíam o núcleo dos institutos e faculdades destinados às Ciências Humanas, Letras e Artes. Nessa época, 500 alunos já frequentavam a universidade.

No sistema transitivo dos cursos-tronco já se punha em prática todos os princípios gerais da estrutura inovadora da UnB: organização departamental, currículo móvel na base da acumulação de créditos semestrais, não duplicação de cursos e serviços docentes e de pesquisa, obrigatoriedade de disciplinas de integração, vestibular comum. Iniciavam-se paralelamente os cursos de graduação e pós-graduação nesses setores.

Aos poucos o sistema de cursos-tronco foi sendo substituído pela estrutura definitiva de institutos e faculdades. Quando a implantação da universidade chegava ao seu momento decisivo, com a vinda de cientistas para os Institutos Centrais mais completos — Física, Química, Biologia e Geociências — a UnB foi sacudida pelo movimento de abril de 1964.

Crise e primeira ocupação

A 9 de abril, tropas da PM de Minas Gerais e efetivos do Exército sediados em Mato Grosso, em 14 ônibus e três ambu-

lâncias, uniforme de campanha e equipamento de combate, invadiram o campus universitário. Houve uma batida minuciosa, revista da secretaria da Retoria e dos demais departamentos, e em particular da Biblioteca Central, que teve seu prédio interditado por 16 dias. Com as tropas, veio uma lista de professores a serem aprisionados e muitos deles chegaram a ser enviados ao Quartel do Batalhão da Guarda Presidencial, onde permaneceram de 13 a 18 dias.

Com o campus universitário ocupado militarmente, logo vieram as demissões do Reitor Anísio Teixeira, do Vice-Reitor Almir de Castro e a destituição do Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília. Passados os primeiros dias de susto, os professores que não estavam presos retornaram às aulas e tentaram manter uma aparência de calma.

Renúncias e a Segunda Ocupação

A nomeação do novo Reitor, Zeferino Vaz, trouxe esperanças para a UnB com a realização de gestões no sentido de libertar alguns presos; mas logo em seguida apareceu uma lista de demissão de 13 professores e instrutores sem qualquer investigação ou processo e sem direito de defesa. Muitos professores pensaram numa demissão coletiva, mas a idéia não vingou.

No segundo semestre de 64 e no primeiro de 65, houve uma rigorosa limitação de verbas que — segundo A. L. Machado Neto, ex-coordenador do Instituto Central de Ciências Humanas — deixava claro a especial má-vontade dos órgãos oficiais para com a universidade renovadora e, para muitos, subversiva.

No primeiro semestre de 65, foram dados os primeiros passos da crise definitiva, com a chegada do professor católico Ernani Maria Fiori para iniciar os estudos de Filosofia da UnB. O Reitor co-

mecou a sofrer fortes pressões porque o professor Ernani havia sido demitido e apenado de seu cargo na Universidade do Rio Grande do Sul por ato da Revolução.

Dois meses de luta culminaram com a demissão do recém-chegado; os professores protestaram em manifesto e incentivaram o colega a recorrer à Justiça. As pressões sobre o Reitor continuavam e o professor Zeferino Vaz pediu demissão, indicando para sucedê-lo Laerte Ramos de Carvalho, catedrático de Filosofia e História da Educação na USP.

Técnicos de alto nível e professores ainda sentiam coações. O Ministro da Educação Suplicy de Lacerda começou a desmontar o corpo docente da UnB, requisitando os funcionários do MEC que lá serviam. Em setembro, os coordenadores das unidades universitárias entregaram ao Reitor os seus cargos por causa da demissão do colega Roberto Las Casas, assistente do Departamento de Sociologia. Os professores se solidarizaram com os coordenadores e a 8 de outubro estes voltam a devolver suas cadeiras ao Reitor. Na mesma noite, o corpo docente suspendeu seus trabalhos por 24 horas em sinal de protesto; a 9, assembleia estudantil declarou greve geral.

Foi então que o reitor Laerte de Carvalho solicitou a ocupação do campus pela PM e suspendeu as atividades docentes da Universidade: houve prisões de professores brasileiros e estrangeiros, entre eles o físico atômico Michel Paty e o arquiteto indiano Shan Jauveja. A re-

pressão foi violenta por uma semana, principalmente quando os alunos foram presos e espancados ao tentar uma manifestação de protesto na estação rodoviária. Associações científicas e personalidades da cultura mundial enviaram protesto. No dia 18, o reitor comunicava a demissão sumária de 15 professores. No dia seguinte, 210 professores entregaram seu pedido de demissão ao reitor, perfazendo um total de mais de 90% do corpo docente da universidade.

A Comissão Parlamentar de Inquérito, que estudava a falta de verbas da UnB tomou a si a apuração da crise. O impasse não foi resolvido e vários professores e cientistas mudaram-se para o estrangeiro. Os alunos manifestaram-se contra a atitude do reitor, enquanto diversos diretórios da Guanabara solidarizavam-se com os professores.

Em 1967, a universidade enfrentava duas crises graves: a de Arquitetura, onde os alunos exigiram a dispensa de professores considerados ineficientes, e a do Centro Integrado do Ensino Médio (CIEM), onde os estudantes reclamavam por liberdade de expressão.

Novas perturbações em abril de 68, quando a PM cercou o campus da universidade e invadiu-o duas vezes no mesmo dia, enquanto o reitor Caio Benjamin Dias e parlamentares do MDB intercediam junto às autoridades. A ocupação foi efetuada em consequência de manifestações estudantis na capital, lideradas pela Federação dos Estudantes da Universidade de Brasília (FEUB).